Emoções e guerras: da Micronésia às bases militares americanas: entrevista com Catherine Lutz

Por Clara Saraiva e Cristiana Bastos

Clara Saraiva, Cristiana Bastos e Catherine Lutz

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/etnografica/2011>

DOI: 10.4000/etnografica.2011

ISSN: 2182-2891

Editora

Centro em Rede de Investigação em Antropologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 novembro 2007

Paginação: 473-485

ISBN: 0873-6561; E-ISBN 2182-2891

ISSN: 0873-6561

Refêrencia eletrónica

Clara Saraiva, Cristiana Bastos e Catherine Lutz, «Emoções e guerras: da Micronésia às bases militares americanas: entrevista com Catherine Lutz», *Etnográfica* [Online], vol. 11 (2) | 2007, posto online no dia 27 setembro 2012, consultado o 12 fevereiro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/2011> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.2011>

Etnográfica is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

Emoções e guerras: da Micronésia às bases militares americanas.

Entrevista com Catherine Lutz

Por Clara Saraiva e Cristiana Bastos.

Catherine Lutz tem um PhD em antropologia cultural da Universidade de Harvard, é professora do Departamento de Antropologia da Brown University, e investigadora do Watson Institute for International Studies da mesma universidade. Os seus temas de pesquisa debruçam-se sobre a antropologia das emoções, construção do género e da noção de raça, teoria crítica, mudanças na democracia e, mais recentemente, guerra, grupos militares e sociedade, nomeadamente através do estudo de bases militares americanas e do retorno de militares americanos dissidentes da guerra do Iraque. Lutz conduziu igualmente pesquisa para organizações activistas e todas estas temáticas se relacionam com a vontade de compreender as articulações sociais e culturais das construções de poder e de desigualdade.

Algumas das suas obras, influentes no campo da antropologia das emoções, da antropologia cognitiva e da história política são *Unnatural Emotions: Everyday Sentiments on a Micronesian Atoll and their Challenge to Western Theory*; *Language and the Politics of Emotion* (com Abu-Lughod); *Reading National Geographic*; *Homefront: a Military City and the American 20th Century*; *Local Democracy under Siege: Activism, Public Interests, and Private Politics*; *The Bases of the Empire. The Struggle against US Military Posts*, além de vários artigos como “Empire is in the details” e “Making war at home in the United States: militarization and the current crisis”. Nesta entrevista Lutz fala sobre o que tem sido o seu trabalho e as suas preocupações académicas mas também sociais e interventivas.

CLARA SARAIVA Uma vez que é conhecida como uma antropóloga que inaugurou, por assim dizer, o debate sobre a antropologia das emoções e que desenvolveu muito trabalho nessa área, julgo que podemos começar por aí, pelo seu trabalho inicial no Pacífico. Talvez nos possa dizer alguma coisa, não apenas sobre o que a levou a decidir estudar antropologia das emoções e fazer o seu doutoramento nesse campo, mas ainda sobre como tudo começou, ou seja, quais foram as maiores dificuldades que sentiu por ter escolhido um terreno

pouco conhecido na altura, ou por ser mulher e estar a lidar com a antropologia das emoções – com as emoções – no trabalho de campo.

CATHERINE LUTZ Muito bem. Como eu cheguei às emoções foi... na verdade, sobretudo através do feminismo. Eu andava a estudar antropologia psicológica. Depois fiz uma cadeira sobre o feminismo e fiquei mesmo com a sensação de que essa antropologia, a antropologia psicológica que eu conhecia, não estava realmente a questionar as categorias, nem os tipos de preconceitos implícitos nas teorias que usávamos. E isto levou-me a questionar-me sobre as razões por que as mulheres são associadas à emocionalidade. Embora, penso eu, esta fosse também uma questão da minha infância. O meu pai era um homem emocional e sentimental. Ele chorava à mesa quando dizíamos as nossas orações, chorava de gratidão por ser afortunado, por ter comida na mesa, a sua família... E quando tínhamos visitas, eu reparava que toda a gente se mostrava pouco à vontade, o que indicava que isto não era normal, que não era normativo (por se tratar de um homem). Por isso penso que, até certo ponto, eu estava também a tentar encontrar um modo de admirar o meu pai, aquilo em que era diferente e a sua forma sentimental de estar no mundo. Acho que isto, provavelmente, também teve alguma influência. Mas a partir daí, é preciso questionar a maneira como o problema é enquadrado e os conceitos que usamos. Basicamente, isto fazia parte de um movimento geral que nessa altura (fim dos anos 70 ou princípio dos anos 80) punha em causa algumas premissas fundamentais sobre a forma como fazemos antropologia – as narrativas, as convenções, os conceitos básicos –, nessa espécie de momento pós-moderno, ou pós-estruturalista. E a minha formação, obtida em Harvard, era muito a do estruturalismo. Tive uma formação muito clássica, neste aspecto, li Lévi-Strauss e, claro, alguma teoria crítica, Freud e Marx, mas na verdade não éramos preparados para fazer esse tipo de trabalho. Tive de ler muita coisa por minha própria iniciativa para perceber como funcionava. Tive também uma professora feminista, e isso ajudou-me bastante. Era uma psicóloga, Kathy Widom.

CRISTIANA BASTOS Tenho uma pergunta a esse respeito: foi difícil afirmar o seu ponto de vista quanto a uma nova forma de abordagem, teve a sensação de que talvez estivesse a abrir um novo espaço, ou isso verificou-se mais tarde, sem que na altura se apercebesse disso?

CL Correspondia apenas ao que eu pensava ser o trabalho do investigador, questionar as coisas... Também era uma questão da minha geração, nós sabíamos que não íamos fazer as coisas como todos os outros tinham feito. E eu imaginava que toda a gente estava a fazer a mesma coisa, que todos nós estávamos a colocar questões.

CS Um dos primeiros artigos que publicou foi escrito em colaboração com [Geoffrey] White. White era uma pessoa importante para si enquanto...

CL Era um bom amigo e um bom colega. Mas acho que só começámos a trabalhar juntos mais tarde, em meados dos anos 80. Talvez as outras influências iniciais tenham sido... Bem, seguramente o trabalho de Michelle Rosaldo. E Fred Myers escreveu qualquer coisa no início – sobre os Pintupi¹ – e quando li esse texto percebi que era muito semelhante ao que eu estava a fazer.

CB Teve a sensação de partilhar um mesmo estilo de antropologia com a geração de jovens investigadores da altura? Tratava-se de combater alguma coisa ou, antes, de avançar num determinado sentido? Olhando agora para trás, o que pensa desse processo?

CL A minha experiência em Harvard... Bem, eu já era muito amiga da Lila Abu-Lughod, que entrou um ano depois de mim, mas à parte isso não havia uma ideia de grupo que pensasse “há uma escola de Harvard e estamos todos a inventar aqui qualquer coisa”... O Michael Fischer e o George Marcus conheceram-se lá, na verdade, e as pessoas que chegaram depois de mim e começaram a trabalhar com Michael Fischer e com alguns outros que talvez tivessem mais a sensação de estarem a fazer um trabalho conjunto, talvez sentissem que aquilo que faziam era tentar criar novas formas de escrever antropologia...

CS O que a fez optar por ir para o Pacífico e fazer trabalho de campo com os Ifaluk?

CL Bem, eu conto esta história no livro sobre essa pesquisa, embora não tenha referido a parte sobre o meu pai, que poderia ter sido incluída. Julgo que este contexto familiar foi muito importante para as minhas noções do que havia de certo ou errado no mundo, ou de como o mundo deveria ser. Mas a história que conto no livro tem que ver com o facto de ter conhecido a etnografia de [Melford E.] Spiro e de [Edwin Grant] Burroughs, *Flower in my Ear*² – bem, este livro foi escrito por Burroughs, mas tanto um como o outro tinham trabalhado lá. Fiquei com a ideia de que se tratava de um lugar onde as pessoas falavam das emoções e este era um elemento presente nas conversas quotidianas. A poesia estava cheia desta linguagem linda do amor e da perda, ou mesmo da ira, e isso fez-me pensar que poderia falar sobre isso com as

1 Fred Myers, 1979, “Emotions and the self: a theory of personhood and political order among Pintupi Aborigines”, *Ethos*, 7, 343-70.

2 Edwin Grant Burroughs, 1963, *Flower in My Ear: Arts and Ethos of Ifaluk Atoll*, Seattle, University of Washington Press.

peessoas sem que tivesse de o arrancar a saca-rolhas, que se tratava de um discurso público. Foi por isso, e também porque esta parecia ser uma ilha onde as relações interpessoais... não eram desprovidas de conflito, mas este era gerido de formas não violentas, o que para mim era muito atraente, depois do período da guerra do Vietname. Julgo que muitos antropólogos fazem isto: eu via esta sociedade como uma alternativa à nossa. E a antropologia é isso mesmo, não apenas procurar as diferenças, mas também procurar alternativas – por muito ingénuo que isto possa parecer, e imagino que a maior parte das pessoas não o afirme quando assume o seu papel profissional. Mas, por outro lado, julgo que em meados dos anos 80 e nos anos 90 as pessoas começaram a colocar todas estas questões sobre os desejos que estão por detrás da antropologia e sobre os motivos por que a praticamos. Algumas delas fazem-no abertamente por motivações políticas mais tradicionais, e outras têm, por assim dizer, desejos muito mais utópicos e definidos culturalmente.

CS Falemos dos contextos em que trabalhou. Começou por trabalhar neste contexto muito diferente do americano, mas ao mesmo tempo sempre houve – é, pelo menos, a impressão que tenho – duas vertentes no seu trabalho de campo. Havia o trabalho na Micronésia, numa cultura exótica e totalmente diferente, mas ao mesmo tempo ia produzindo uma reflexão e escrevendo sobre as emoções e o modo de vida na sociedade americana, a sua própria sociedade. Depois de *Unnatural Emotions* publicou *Language and the Politics of Emotion*, com a Lila [Abu-Lughod], e por fim chega-nos este *Homefront* e todo o trabalho de campo que ele implicou. Sente que o facto de ter desenvolvido trabalho de campo na sua própria sociedade e num contexto completamente diferente a ajudou a reflectir melhor, a pensar melhor o seu objecto de estudo, as emoções, neste caso?

CL Sem dúvida. Aliás, é assim que vendemos a antropologia aos estudantes de licenciatura, ensinamos-lhes que o método comparativo nos proporciona vantagens ímpares na tentativa de compreender qualquer contexto cultural. Isto faz parte do nosso trabalho, o comparativismo. Mas a razão pela qual regressei aos Estados Unidos depois de ter estado no Pacífico e não voltei para lá durante tantos anos é outra. Penso que se deveu a vários motivos. Por um lado, não queria sair daqui e levar as crianças para um pequeno atol de coral, quando se levava semanas a chegar lá ou a voltar de lá. Mas um outro factor, realmente importante, é que eu trouxe comigo do Pacífico a noção de que não era claro para mim qual era o meu papel político, ou o do conhecimento que eu estava a produzir, na Micronésia. Digo isto porque comecei a envolver-me com um grupo de solidariedade e trabalhei com a Cultural Survival sobre o problema do impacto dos Estados Unidos na Micronésia. Nessa altura havia começado a descolonização (uma descolonização muito tardia e que não está ainda completa),

mas quando o *Compact of Free Association* estava em discussão no Congresso dos Estados Unidos, eu fiz parte de um grupo que foi prestar declarações. E quando isto aconteceu, dei por mim a manifestar-me contra o *Compact* (porque na minha opinião estava a ser vendido aos micronésios um estatuto quase colonial, já que não seria instaurada uma forma de completa soberania) e, na mesma altura, na mesma sala em que eu me encontrava, havia algumas pessoas da Micronésia, das ilhas Marshall, que testemunhavam a favor desse documento. Apercebi-me da ironia desta situação e também da minha ignorância, tive a noção de que havia muito mais que eu desconhecia a respeito das correntes políticas no contexto mais vasto da Micronésia. Eu podia estar apenas a tactear no escuro e a ser tudo menos útil... De qualquer modo, afastei-me desse trabalho e decidi concentrar-me mais na compreensão do lado norte-americano, no sentido em que me pareceu que a tarefa mais importante que eu podia desempenhar seria compreender as elites e o modo como os americanos foram aprendendo a pensar sobre o resto do mundo. O conhecimento que eu tinha por pertencer a esse universo e como alguém que nessa altura começara a ler muito sobre a história e a cultura americanas permitiam-me ter um papel muito mais válido.

CB Quando aconteceu isso?

CL A audiência no Congresso foi em 1984...

CB E isso é a altura em que a antropologia está a passar por um momento de auto-reflexão, a questionar a autoridade etnográfica... Em meados dos anos 80, sendo autora, antropóloga e professora, como entendia esse momento vivido pela antropologia em geral e aquilo por que passava pessoalmente ao questionar a autoridade do seu próprio conhecimento?

CL Sim, fui muito influenciada por esse debate. Nesse período estava ainda a escrever *Unnatural Emotions* e julgo que isso se reflecte na forma como recorro muito deliberadamente à comparação, também no livro, porque incluí nele o trabalho que estava a fazer nos Estados Unidos – não podemos partir do princípio de que há um mundo de ideias em que o público se baseia quando colocado perante esta sociedade Ifaluk. Achei que tinha mesmo de ser explícita e dizer aos leitores: “Eis como, pelos vistos, muitos de nós, nos Estados Unidos, pensam as emoções e, sabendo isto, podemos perceber melhor como é que estamos a entender esta informação sobre os Ifaluk que eu aqui apresento, ou os motivos pelos quais vo-la apresento e o faço desta forma.”

CB Está a dizer-nos que a forma que encontrou para superar a contradição foi concentrar-se mais no lado norte-americano da compreensão. Como encara o modo encontrado pela antropologia para resolver essa contradição e o modo

como o conhecimento antropológico é visto por públicos mais vastos que, frequentemente, ainda estão à procura de algum tipo de conhecimento positivista? Pensa que essa antropologia merece maior crédito por ser auto-reflexiva?

CL Julgo que é interessante o facto de termos atravessado essa fase em pleno período de governação Reagan. Este poderia ter sido o momento para uma politização muito diferente das pessoas, quer dizer... O mesmo acontece actualmente: a política externa dos Estados Unidos está agora a sofrer uma viragem à direita, tornando-se mais coerciva, e temos de sair muito mais para o mundo e clarificar isso mesmo – o que vemos ao continuar pelas regiões onde ainda tendemos a estar, seja noutros continentes, seja onde, por exemplo, nos anos 80, eram notórios os resultados das guerras dos Estados Unidos. Os antropólogos estavam espalhados por toda a América Central, que era o “quintal” dos Estados Unidos. Muitos iam para lá trabalhar e de repente davam por si no meio de uma verdadeira batalha, num campo de batalha, e sabiam que essa guerra era financiada pelos Estados Unidos e que em muitos desses lugares não teria sido tão feroz ou duradoura se não houvesse o financiamento dos Estados Unidos. Por isso é curioso que as pessoas tenham começado precisamente nessa altura a questionar a autoridade etnográfica. No livro *Women Writing Culture*³ (que foi uma resposta muito interessante ao *Writing Culture*),⁴ muitas das autoras afirmam, resumidamente, que nessa altura eram os homens de raça branca que estavam a questionar a ideia da autoridade, mas que, no interior da disciplina, ela era discutida pelas mulheres e as pessoas de cor. Isto para dizer que, na minha opinião, temos de fazer uma análise da vertente institucional e da política mais vasta para perceber as razões por que isto aconteceu nessa altura e não noutra e para explicar também os motivos por que depois se dissipou. E julgo que, em parte, se dissipou porque as mulheres se tornaram as figuras dominantes dentro da antropologia, em termos de quantidade e da confiança para se manifestarem e procurarem manter uma visão mais capaz de olhar para o futuro e menos ansiosa do que podia ser a disciplina. Não se tratava de regressar ao positivismo, mas de voltar a assumir uma certa postura epistemológica mais firme e imbuída de princípios relativamente à disciplina.

CB Nos seus vários trabalhos – sobre as emoções, sobre o *National Geographic* e agora sobre a instituição militar –, tem procurado abordar as mesmas questões teóricas mais genéricas, ou são coisas diferentes que nos forçamos a ver como um todo?

3 Ruth Behar e Deborah A. Gordon (orgs.), 1995, *Women Writing Culture*, Berkeley, University of California Press.

4 James Clifford e George E. Marcus (orgs.), 1986, *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*, Berkeley, University of California Press.

CL Penso que, num certo sentido, os primeiros trabalhos foram muito mais fáceis, porque eu estava a lidar com as pessoas e entusiasmada por aquilo que via, até certo ponto estava... Já se sabe, mais uma vez havia o tema habitual da valorização cultural, da admiração pela complexidade e riqueza de um modo de vida, etc. E depois, quando passamos à nossa própria sociedade, e na minha perspectiva a uma parte muito desagradável da mesma, o desafio é muito maior. Mas a linha de continuidade entre estes vários projectos, o *Unnatural Emotions*, o *Reading National Geographic*, o *Homefront* e o que estou a fazer agora, está no interesse pela relação entre cultura e poder. Julgo que foi sempre isto o que me fascinou: a forma como, para usar as palavras de John Gledhill, o poder tem máscaras, ou o poder e os seus significados, o poder e as suas contradições, o poder e as suas vulnerabilidades...

CS Vejo ainda outras continuidades no seu trabalho. Penso que há uma continuidade entre todo o seu trabalho no Pacífico, depois o projecto do *Reading National Geographic*, e o trabalho que está a realizar agora. Não li ainda este último livro, mas julgo que provavelmente propõe novas maneiras de encarar algo tão inflexível como o sistema militar norte-americano. E provavelmente o trabalho sobre as emoções ajudou a abordar esse lado da sociedade americana e, por exemplo, a questão da violência, que aqui se apresenta de uma maneira diametralmente oposta ao que encontrou no Pacífico. Num certo sentido, e não sei se concorda comigo, haveria uma continuidade nesta linha de pensamento... emocionalmente, por assim dizer.

CL Até certo ponto, sim, ao tentar compreender as subjectividades – poderão ver que o livro está organizado em torno de uma série de retratos de indivíduos que vivem nesta cidade e da forma como vão fazendo o seu percurso dentro do sistema – e ao procurar, mais uma vez, pôr em evidência as interpretações dos próprios quanto às suas experiências e ao modo como a instituição militar moldou a cidade onde vivem... Sim, mas julgo que de qualquer modo sempre fiz antropologia política, foi por essa via que cheguei a essa questão específica. E isto continua a interessar-me, escrevi mais algumas coisas sobre o assunto recentemente. Agora, por exemplo, estou a trabalhar em histórias orais com veteranos do Iraque (tenho aqui alguns dos livros que tenho andado a ler, são todos relatos escritos por militares que voltaram do Iraque e descrevem as suas experiências). Mas este projecto baseia-se na colaboração com Betsy Brinson, uma especialista em história oral, e eu e o Matt Gutmann estamos a analisar transcrições de entrevistas com dissidentes, pessoas que lidam com coisas absolutamente horríveis – rapazes de dezoito anos que partem e de repente vêem pessoas decapitadas e regressam com stresse pós-traumático [PTSD]... E o que tem sido realmente fascinante neste trabalho é a forma como eles analisam a própria categoria. Eles não desconstroem a categoria todos da

mesma forma, mas de maneiras realmente fascinantes. Por exemplo, há uma pessoa que afirma que o PTSD não é uma doença, mas sim uma consequência natural, que não é como uma doença de que algumas pessoas sofrem, como se tivessem apanhado uma bactéria que pudesse causá-la, mas, diz ele, é o resultado natural da exposição de um ser humano à guerra. Todos eles problematizam a quantidade de medicamentos antidepressivos que lhes são receitados. Mais uma vez, estou muito interessada na maneira como eles analisam o seu próprio estado interior, o seu próprio “eu”, e como muitas vezes tratam estes aspectos muito explicitamente como uma questão política – “A minha perturbação actual é uma questão política”, é isso que eles nos estão a dizer. E julgo que isto é fascinante. Isto mostra, por outro lado, que não só os antropólogos fizeram esse trabalho em torno do conceito de emoção: numa série de contextos em todo o mundo, as pessoas fazem-no diariamente e procuram voltar a ligar (sobretudo nos Estados Unidos e no Ocidente, onde foram separadas) essas partes de si que foram desbaratadas e fragmentadas.

CS Pensa que o facto de estar a fazer este trabalho nesta altura em que a guerra do Iraque está ainda a decorrer tem alguma influência? Tratar-se-ia de uma experiência diferente se o fizesse, digamos, dentro de dez anos (e, obviamente, espero que daqui a dez anos a guerra já tenha acabado)? Sente isso nas suas entrevistas?

CL Sim, claro, trata-se de pessoas que se fazem ouvir porque querem salvar vidas, querem que se acabe com o que está a acontecer...

CS Então querem mesmo ser directamente...

CL Querem ser ouvidos acerca do Iraque, sim, sem dúvida.

CB Pode falar-nos um pouco da forma como o trabalho que lança no mundo enquanto estudiosa tem diversos tipos de retorno? Como é quando, cinco, dez ou vinte anos depois, lhe chegam reacções de um livro ou um artigo que publicou, ou quando dá por si no Congresso a defender a posição contrária à das pessoas sobre as quais escreveu, ou quando, de uma maneira provavelmente ainda mais imediata e talvez mais violenta, é confrontada com reacções às suas visões do sistema militar e da guerra?

CL Penso que o primeiro livro ainda não morreu, houve muitas pessoas noutras disciplinas que começaram a dar atenção às emoções e a repensá-las. Vou-me apercebendo mais ou menos quando os investigadores da história medieval se interessam pelas emoções, ou quando os sociólogos retomam o estudo desta questão, porque recebo um telefonema ou algumas mensagens

de correio electrónico. É muito interessante observar estas vagas nas diferentes disciplinas ao longo dos últimos vinte anos, e julgo que continua a haver um enorme interesse transdisciplinar no assunto. Os ecos que me chegam de Ifaluk... Inicialmente foi um pouco perturbador para mim perceber... O único comentário que obtive foi: “Bem, está cheio de bisbilhotices...” – e a bisbilhotice não é considerada uma coisa boa! Mas também enviei para a ilha o que recebi com as vendas do livro, por isso acho que, nessa medida, as pessoas ficaram relativamente satisfeitas, por pouco dinheiro que fosse. Mas em termos de impacte... eu queria que o meu trabalho tivesse uma relevância mais directa para diferentes tipos de crises imediatas, questões mais de vida ou morte, por assim dizer. Julgo que este era, e ainda é, um aspecto da maior importância: a medida em que as pessoas são desumanizadas pelos discursos ocidentais, discursos especializados ou psicológicos que as tratam como se não fossem completamente humanas, reconhecendo-lhes apenas uma humanidade deficiente. A psicoterapia e a psicologia dos Estados Unidos sofreram uma revolução nalguns aspectos, mas noutros tudo continua a ser como era. Ainda persiste a ideia de que os americanos fazem as coisas de uma maneira que é indubitavelmente a mais moderna, a melhor. O meu interesse pela raça cresceu e intensificou-se nesse período quando constatei que os micronésios não tinham realmente qualquer importância para a maior parte das pessoas responsáveis pelas decisões da política externa dos Estados Unidos relativas àquela região. Se todos os micronésios desaparecessem, isso não lhes faria qualquer diferença. Por isso, quando comecei a trabalhar no projecto sobre a revista *National Geographic*, tinha a ideia de que eu e a Jane Collins devíamos procurar compreender a razão por que os nossos alunos de licenciatura estavam tão convencidos da perfeição dos Estados Unidos. Também contamos no livro as motivações imediatas que nos levaram a realizar este projecto. Estávamos juntas num bar do *campus* universitário nos anos 80 e houve uns estudantes que ouviram na televisão a notícia da invasão de Granada e a aplaudiram. Apercebemo-nos de que estes estudantes eram nossos alunos e eles nem sequer sabiam...

CS Onde ficava Granada?

CL Sim! O que é que estavam a aplaudir? O triunfo dos Estados Unidos sobre qualquer coisa, sobre uma gente qualquer que podiam imaginar que existisse lá. Então achámos que devíamos perceber como tinham chegado àquele ponto. E surge imediatamente a questão da raça, que depois continua a vir constantemente ao de cima. Percebi isso, que está presente em todo o livro. Também vejo o *Homefront* como um livro que é tanto sobre a raça como sobre a própria instituição militar. Era inevitável, não podemos olhar para nenhuma comunidade dos Estados Unidos sem pensar nisso. Aqui havia um sistema de tipo *Apartheid* que acompanhou algumas das pessoas que entrevistei da infância até à idade

adulta, mas as forças armadas americanas promovem a imagem de que empregam as pessoas em igualdade de oportunidades e fazem questão de afirmar que são uma das mais importantes instituições americanas, se não mesmo a mais importante, em parte porque resolveram o problema racial. Mas, pronto, enquanto eu estava a fazer a minha investigação por lá, ocorreu um assassinato brutal no centro de Fayetteville – morreram dois negros às mãos de dois militares *skin-heads*, neonazis. E eu não podia parar de escrever sobre o que tinha aprendido acerca da extensão do racismo dentro de todo o sistema.

CB Neste momento, quais são as questões que a ocupam e o que espera obter daí?

CL Bem, eu estou a trabalhar em demasiados projectos ao mesmo tempo... Sempre concluí uma coisa antes de passar à seguinte, mas agora tenho um pequeno problema de dispersão da minha atenção. Estou a trabalhar sobre estas entrevistas com militares e pretende-se que isto seja publicado em breve como um livro onde se descreve o percurso que fizeram desde o recrutamento, passando pela formação, pela guerra e pelo regresso, até aderirem a este grupo de dissidentes. Assim as pessoas poderão aprender com estas experiências de quem, feliz ou infelizmente, tem uma perspectiva muito privilegiada sobre a guerra – porque lá estive. Actualmente, nos Estados Unidos, ter soldados a falar sobre isso tem muita força. Há um segundo projecto, no qual trato a questão da manutenção da paz das Nações Unidas, mas está mesmo no início. Obtive um pequeno financiamento para começar a trabalhar sobre a questão geral do que as tropas de manutenção da paz estão a fazer no terreno, porque têm surgido bastantes controvérsias a respeito dos abusos cometidos e um dos aspectos mais importantes prende-se com a raça e o género em toda esta confusão, com a forma como as ideias e práticas relacionadas com a raça e o género influenciam o aparecimento mais ou menos provável deste tipo de problemas disciplinares (ou daquilo que o sistema militar considera serem problemas disciplinares). Vamos fazer algum trabalho de campo no Haiti e no Líbano, vamos falar com as pessoas sobre o que está a acontecer lá e sobre o que condiciona o que está a acontecer.

CS Voltemos ao que dizia há pouco, quando a Cristiana lhe perguntou o que pensava do retorno do seu trabalho. Mencionou que talvez o livro *Unnatural Emotions* não tivesse tido um grande eco, para além do facto de os lucros das vendas terem sido devolvidos à ilha. Na verdade, nas minhas aulas de antropologia das emoções, em Lisboa, uso o seu trabalho e penso que, de um ponto de vista académico, o livro pode ser muito útil para estudantes que estão ainda a começar e se interessam pelas emoções em geral, mas não as relacionam com as questões mais políticas da actualidade – especialmente após o 11 de Setembro

e toda esta loucura americana em torno do terrorismo, etc. Ficam a conhecer uma obra etnográfica, mesmo que se possa pensar que é um chorrilho de coscuvilhices. Muitas vezes, ler histórias reais (o que, é claro, tem sempre um pouco de coscuvilhice) ajuda os estudantes de licenciatura a começar a pensar as questões. Há também o facto de ter partido da sua própria sociedade e do trabalho comparativo com os Ifaluk. Provavelmente não se apercebe disso, por já não ensinar antropologia das emoções, mas julgo que para esses estudantes a Catherine Lutz é uma antropóloga americana muito conhecida que desenvolveu esse trabalho, obviamente, e isso diz-lhes muito. Mostra-lhes, por exemplo, como se pode fazer trabalho comparativo e como as coisas altamente triviais da vida quotidiana podem não ser assim tão triviais e constituir um ponto de partida para a reflexão antropológica. Não sei se sente isto na América...

CL Ah, sim, orgulho-me muito do livro, só estava a referir-me ao impacte que teve em termos locais, que realmente não foi grande. Mas penso que, como em toda a antropologia, há aqui também uma afirmação anti-racista, no sentido em que se diz: é assim o ser humano completo, de todas estas formas diferentes, e temos um aparelho teórico imperialista que devemos pôr em causa, pois tende a criar modelos deficientes de todas as outras pessoas. Bom, mas há ainda um outro projecto em que estou a trabalhar actualmente. Estou a começar um projecto sobre o carro, sobre todo o sistema automóvel, e procuro perceber como esse sistema se mantém. Trata-se realmente de uma realidade muito inquestionada, embora tenha consequências tremendas sobre o ambiente e questões de raça e género, etc. É também o grande canal para o endividamento, para a colonização financeira de imensas famílias nos Estados Unidos.

CB Pensava ainda no que disse antes de mencionar os carros, sobre o facto de ter defendido uma posição no Congresso e ter-se confrontado com opiniões diferentes, e sobre essa caracterização do mundo contemporâneo como um momento de construção do império. Como analisaria aquilo que foi visto como o momento inicial do colonialismo, os impérios do século XIX, e toda essa história de íntima relação entre a antropologia e o poder colonial? Devemos considerar que esta antropologia estava ao serviço do colonialismo ou, com maior justiça, mostrar como os antropólogos, embora envolvidos em projectos coloniais (como a presença inglesa em África, por exemplo), estavam também constantemente a produzir afirmações anticoloniais? Já escreveu ou pensa escrever alguma reflexão sobre estas questões?

CL Escrevi muito pouco sobre isso, mas publiquei recentemente na *American Ethnologist* um artigo em que analiso alguns desses temas. Por exemplo, como fui para a Micronésia inicialmente e como cheguei sem conhecer realmente esta história política – a maior parte dos norte-americanos não sabe que os Estados

Unidos têm colónias, e mesmo os antropólogos, com vários anos de licenciatura... Quer dizer, eu estava em Harvard e lá havia este problema, realmente os estudantes aprendiam pouco, menos do que talvez noutras escolas, sobre este tipo de questões políticas e económicas que nos ajudariam a situar-nos a nós mesmos no mundo. Parece-me verdadeiramente incrível que eu só o tenha descoberto com 23 ou 24 anos, quando estava prestes a começar o trabalho de campo. Recebi de lá uma carta que dizia, basicamente, “Bem-vinda à América”. E aí percebi que eu pensava dirigir-me para um território dependente da ONU, mas, afinal, isto significava que estava perante uma situação colonial. Julgo que este problema afecta todos os cidadãos dos Estados Unidos, e não apenas os antropólogos: a forma como estamos tão envolvidos mas, tendo em conta a natureza do nosso envolvimento, realmente fazemos tão pouco... Obviamente, o ensino fez com que muitos de nós considerássemos a sala de aula como um lugar absolutamente crucial, pois todos os dias enfrentamos um público que desconhece, ou conhece apenas muito residualmente, o que se tem passado. [...] Não quero ser demasiado severa, mas frequentemente penso que eu própria não faço o suficiente, que há nisto um paralelo com a situação de quem estava na Alemanha em 1937 e 1938, ou talvez de quem lá vivia em 1932... Há potencial para as coisas piorarem muito e o grau de desigualdade que o modo de vida americano alimenta é algo que efectivamente não combatemos directamente tanto quanto seria possível. O aparelho militar dos Estados Unidos não tem precedentes na história: subtrai recursos ao mundo a um ritmo inacreditável, alimenta estilos de vida que subtraem ainda mais recursos ao mundo a um ritmo inacreditável, e cria desigualdades. Por isso acho que devíamos chamar a atenção das pessoas para este problema, para o funcionamento geral, por assim dizer, da relação dos Estados Unidos com o mundo.

CB E estamos a falar de um país onde este tipo de reflexão pode ser feita, escrita e publicada?

CL Nos Estados Unidos? Sim, sem dúvida. Há diversidade de opiniões na universidade e talvez eu é que esteja a centrar-me muito no facto de haver ainda um ambiente um pouco frio. Afixei cartazes na porta do meu gabinete (e geralmente as portas dos outros gabinetes não têm nada afixado) e tive a sensação de que isto não foi muito bem recebido... Mas são coisas muito subtis, seguramente não há cidadãos a serem arrancados de casa a meio da noite e a desaparecerem. Mas julgo que a lenta erosão da democracia americana vai acontecendo e obviamente acelerou desde 2001, com a concentração da comunicação social em grandes grupos, os maiores níveis de fraude eleitoral, o Acto Patriótico, o privilégio das empresas pelos tribunais como nem no passado acontecia, etc. Penso que tudo isto são sinais de um problema que a antropologia deveria estar a apontar e a que deveria prestar mais atenção.

CB Há trabalhos entusiasmantes a serem feitos nesse sentido, a analisar a forma como o poder empresarial está a impor-se?

CL Ah, sim, Brett Williams tem um livro fabuloso sobre o crédito,⁵ no qual analisa também essas questões por relação à história da banca nos Estados Unidos. E Hugh Gusterson trabalhou sobre as pessoas que concebem armas nucleares, tem vários livros sobre isso e o mais recente é uma colectânea de artigos, *People of the Bomb*⁶ (note-se como o título, mais uma vez, estabelece um certo distanciamento, o distanciamento clássico do discurso antropológico, embora não para referir “a gente da flauta” ou “a gente da espada”, mas “a gente da bomba”). Penso que estes são dois exemplos de trabalhos que assumem um papel realmente importante ao tentarem compreender aspectos triviais e relevantes do poder americano e ao tratarem as questões internas do país como tratariam quaisquer outras.

5 Brett Williams, 2004, *Debt for Sale: A Social History of the Credit Trap*, Filadélfia, University of Pennsylvania Press.

6 Hugh Gusterson, 2004, *People of the Bomb: Portraits of America's Nuclear Complex*, Minneapolis, University of Minnesota Press.